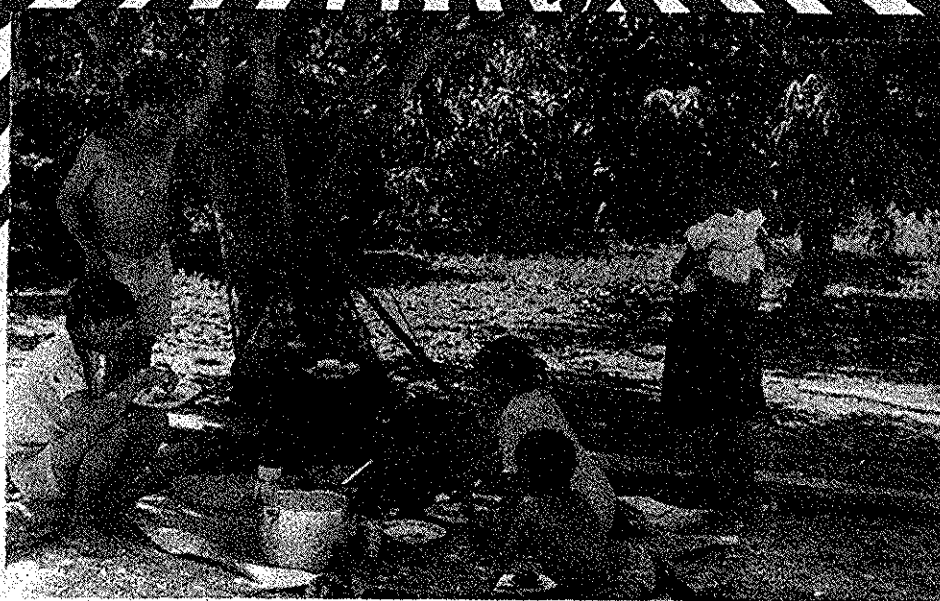
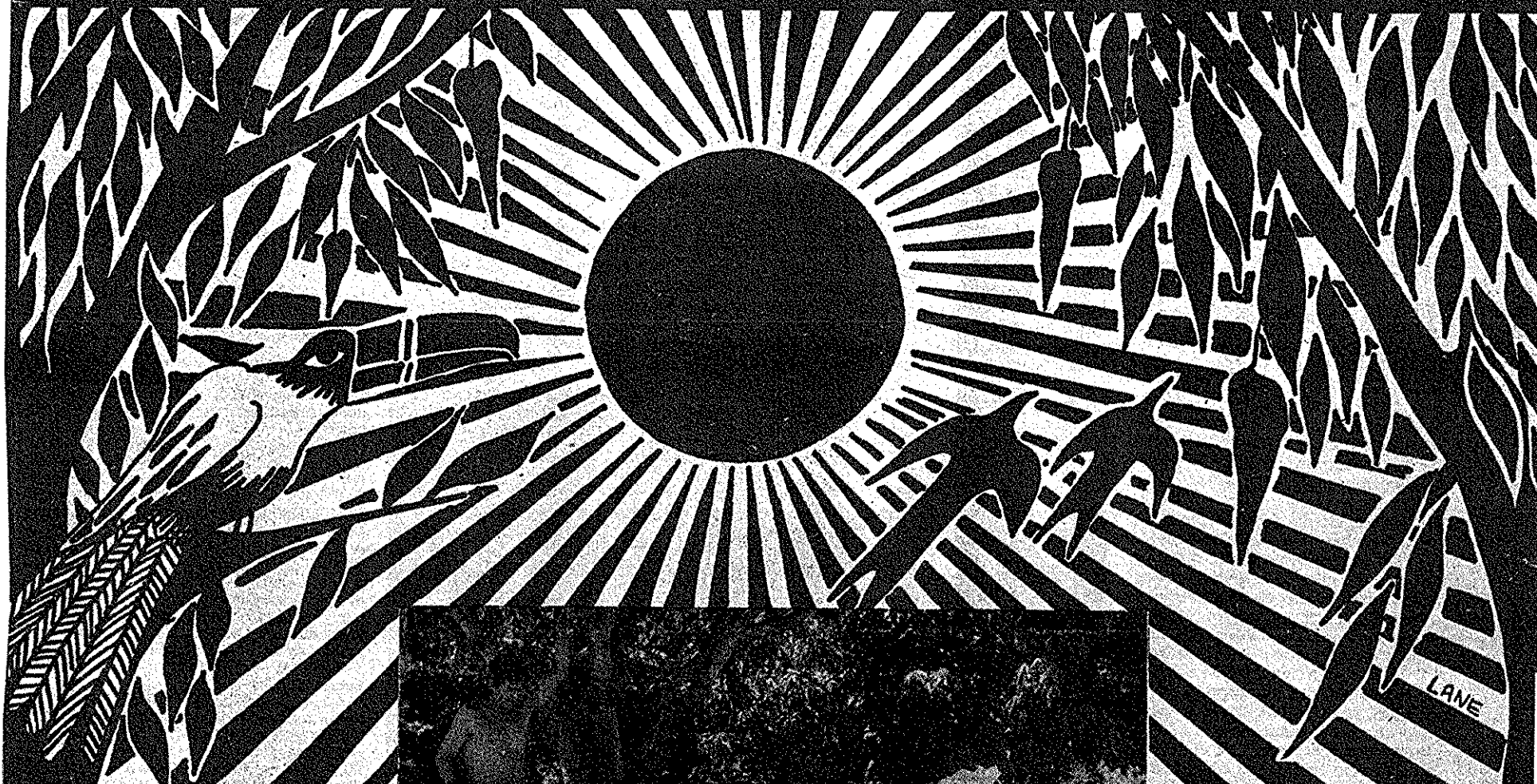


# Aculturado, mas ainda índio



O grupo indígena mais aculturado em Roraima desafia a compreensão comum da identidade étnica e põe a questão: o que é ser índio? Os Wapixana vestem roupas, cozinham em panelas de alumínio, dançam forró, andam de bicicleta, escutam o rádio, vão muito a Boa Vista para fazer compras e visitar parentes e falam português e inglês tanto a própria língua.

Ao visitante casual, os Wapixana não parecem mais ser índios. Mas até nas malocas mais aculturadas, a superfície "caboclo" esconde um índio verdadeiro. Para encontrar este índio escondido, é preciso tempo, paciência, respeito e interesse genuíno. Depois de mais de dois séculos de contato intenso com exploradores e missionários ingleses, holandeses e portugueses e com funcionários, garimpeiros e fazendeiros brasileiros, os Wapixana têm receio de revelar seus costumes e crenças.

Vamos ver, por exemplo, como é a composição da refeição wapixana.

A maioria dos visitantes de uma maloca wapixana não seria servida pimenta — ou melhor, seria oferecida apenas como acompanhamento de uma refeição roraimense de bife ou carne assada com feijão, arroz e macarrão: todas comidas não tradicionais. Talvez poucas pimentas seriam colocadas em cima da mesa, para esmagar com a colher ou misturar com a comida. A refeição wapixana verdadeira é muito diferente, consistindo

de **damurida** servida com beiju, que é um pão duro e plano, feito de mandioca ralada, peneirado e assado em rodela no forno.

A **damurida**, em geral é cozida em um pote makuxi de barro, que ficou preto pelo uso, e pode ser preparada de várias maneiras. Um método popular é o seguinte: tirar folhas e frutas da pimenta malagueta. Ferver em um litro de água, depois coar e jogar o líquido. Lavar as folhas e pimentas com água limpa e coar novamente. Isto tira a amargura. Pôr as folhas e pimentas na panela de barro e acrescentar dois litros d'água e três colheres, de sopa, de sal. Tampar e cozinhar em cima de um fogo de lenha, acrescentando água quando necessário. Acrescentar pedaços de carne ou peixe e cozinhar até ficar mole. Comer a **damurida** na panela ou em uma tigela, pegando-a com beiju ou com uma colher. O caldo ensopa o beiju que incha e amolece.

A **damurida** deve estar sempre à disposição e a panela frequentemente fica em cima ou ao lado do fogo. Além de alimentar o corpo, a **damurida** o protege de vários perigos. De manhã cedo, antes de ir trabalhar na roça, ou ir caçar, os Wapixana devem "queimar a boca", quer dizer, comer **damurida**. As pimentas na **damurida** repelem muitos bichos, que podem causar doença ou morte. A crença nestes bichos é profunda e muito divulgada e constitui parte de um sistema conceitual que dá significação à vida cotidiana.

Um dos valores maiores neste sistema conceitual é a solidariedade da família e da comunidade, tanto que o indivíduo Wapixana raramente fica sozinho. Uma pessoa sozinha, sobretudo na mata ou no igarapé, é vulnerável aos bichos. A companhia, como a pimenta, é uma fonte de proteção. A consequência da "companhia" é a

solidariedade comunitária, expressa mormente na repartição extensiva da comida e do trabalho.

O trabalho pesado — por exemplo o brocado de uma roça nova — é feito nas "uniões" de um dia inteiro, quando o "dono do roçado" é ajudado pelos seus parentes e vizinhos. Geralmente, a união começa e pára com uma refeição de **damurida**. Enquanto os homens estão trabalhando, a mulher do dono da roça traz caxiri — uma bebida alimentar de mandioca. As vezes, o trabalho é seguido por uma festa, que corre até altas horas da noite. Mais tarde, os frutos da roça serão repartidos também. Ainda que as roças sejam particulares e supram as necessidades de famílias individuais, parentes e vizinhos são, às vezes, convidados para a colheita. Por meio desse compartilhar os Wapixana garantem sua sobrevivência e a sobrevivência da comunidade.

Ainda que a vida esteja mudando nas malocas wapixana, a essência das crenças tradicionais continua. Uma olhada na refeição wapixana nos levou a ver que até as coisas banais são imbuídas de uma significação maior e que, por baixo da superfície "caboclo", o Wapixana é índio. NR: A população wapixana está estimada em torno de 15 mil indígenas. Pertencem ao grupo linguístico Aruak e habitam as regiões central e oriental de Roraima, no Brasil, e a Savana Rupununi, na Guiana. (Texto e foto de Nancy Fried, antropóloga norte-americana).

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Roraima

Class.: 14

Data: Set 1985

Pg.: 16